



Casemiro Coco

Tácito Freire Borralho

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)



Páginas 145 e 146: Boneco do Sr. Zé Boneca, residente no município de Zé Doca (MA). Acervo do Grupo Casemiro Coco – UFMA. Foto de Ivan Veras.

O brinquedo Casemiro Coco apresenta fortes traços comuns a outros “brinquedos” do nordeste, como o Mamulengo e o João Redondo, tanto na estrutura e linguagem (boneco de luva) quanto no conjunto dos personagens, nas formas de apresentação, na alta expressão de comicidade, na interação com o público realizada pelo titeriteiro ou pelos músicos, palhaços e mágicos. Constatase a duplicidade de nome: Casemiro Coco é ao mesmo tempo o nome do personagem principal e nomenclatura que identifica a manifestação.

De onde vem?

Ao estudar sua história depara-se com um “títere nômade”. A princípio essa assertiva parece fútil e imprópria, porém a afirmação procede quando se investiga sua existência no Estado do Maranhão.

O brinquedo Casemiro Coco é certamente originário da região Nordeste, visto que é conhecido na Paraíba e citado tanto em estudos de Altamar Pimentel, quanto em palestras proferidas para bonequeiros e dramaturgos, oportunidade em que o pesquisador se refere ao nome Casemiro Coco como: “uma possível corruptela de

cacem-me o coco, nome jocoso correspondente à cabeça do boneco, que não é, necessariamente, construída da casca do fruto do mesmo nome.” (PIMENTEL, 2003:17)

Também há várias referências sobre sua existência no estado do Ceará. E foi com os bonequeiros cearenses, chegados ao Maranhão no período da maior migração nordestina, durante as secas de 1917 e 1933, que se tem notícias mais frequentes do Casemiro Coco. Essa relação se constata nos relatos da bonequeira Sandra Cordeiro incluídos no estudo de Maxlow Furtado: “o Sr. Pedro, morador do município de Magalhães de Almeida - MA, define o Casemiro Coco nessa fala retirada da apresentação de um casemireiro vindo interior do Ceará”:

Sou Casemiro Coco
Nasci na terra do oco
Cabra que nunca morreu
E nem tem inveja de quem morre.(FURTADO, 2006:16)

O brinquedo se estabeleceu no Maranhão durante a segunda metade do século XX, realizado predominantemente por cearenses. Paradoxalmente, hoje, ainda se encontram no interior do Maranhão, bonequeiros/mágicos cearenses com idade inferior a 60 anos. Ao mesmo tempo, se constata que famílias de extrativistas maranhenses se fixaram no Estado de Roraima como “casemireiros”. Assim, cabe a afirmação de que o Casemiro Coco é um “títere nômade” porque migrou de algum ponto do Nordeste (Paraíba?) para o Ceará, depois migrou para o Maranhão e posteriormente para Roraima.

Origens

Nos Estados mencionados a manifestação se denomina Casemiro Coco e se registra sempre a presença da personagem central desse teatro com esse mesmo nome. Casemiro Coco “é o ínclito personagem principal do jogo como o são João Redondo, Babau, Cassemir Coco,

Benedito, e outros personagens desse grande Teatro Folclórico, que é o teatro de bonecos do Nordeste.” (PIMENTEL, 2003:11-17)

Conhecido como Casemir Coco na Paraíba e vizinhanças, ou Casemiro Coco, ou ainda Casemiro Coco como o conhecemos no Maranhão, é apresentado como um personagem negro. Altimar Pimentel discorrendo sobre o João Redondo e analisando a personagem “Preto Benedito”, afirma que este é “figura síntese de um grupo de indivíduos – não apenas gente de cor, (mas) como as pessoas humildes da região em geral – Benedito é um herói popular que, até pelo nome, está próximo do grupo humano que representa.” (PIMENTEL, 1998:13)

Como outras personagens do teatro de bonecos popular brasileiro, certamente o Casemiro Coco descende da linhagem do Karagoz turco que, transcendendo o universo islâmico, difundiu-se durante a Idade Média por toda a Europa e se adaptou a cada região na qual chegava. Adotou tipo, nome e até enredo próprio, sem perder as suas características e estruturas iconoclastas que exibem a mesma linha psicológica. Ele apenas adequou comportamentos e hábitos às culturas anfitriãs, como por exemplo: na Itália se chama Pulcinella; na Espanha Don Cristóbal; na Inglaterra, Punch e na França, Guignol.

O Casemiro Coco não contém apenas bonecos de luva, utiliza outros recursos de animação como bonecos em varetas ou “bruxas-de-pano”⁶⁹ manipuladas com a mão aparente do titeriteiro. Em geral, os bonecos do Casemiro Coco possuem articulações como no Mamulengo. Alguns (de luva) movimentam o maxilar inferior e outros (de vareta) abrem a boca de forma descomunal quando falam e cantam. Não existe grande diferença entre as apresentações do Casemiro Coco do Maranhão e as encontradas em outros estados do Nordeste (Ceará, Paraíba), assim como no Meio-norte e no Norte.

⁶⁹ Bonecas de pano são brinquedos da infância feminina brasileira. Na tenda de Casemiro podem ser animadas por manipulação direta com as mãos do casemireiro à mostra do público.

Além disso, a brincadeira de um Casemiro Coco pode ser descrita da mesma forma que Altimar Pimentel relata uma brincadeira de João Redondo:

Estes espetáculos, que mais do que qualquer outra manifestação artística popular, visam ao imediatismo do interesse financeiro, são patrocinados por pessoas que os fazem realizar no terreiro de sua residência; por comerciante, visando vender bebidas alcoólicas aos espectadores, ou iniciativa dos próprios mestres, neste caso, usam solicitar contribuições da assistência.
(PIMENTEL, 1988: 09)

Relatos sobre as atividades do Casemiro Coco no Maranhão

O grupo constituído em São Luís, com o nome de Casemiro Coco⁷⁰, reúne hoje bonequeiros e estudantes de arte, interessados no conhecimento e prática do teatro de animação. A necessidade de pesquisar teatro de bonecos e a brincadeira do Casemiro Coco não é recente, mas com a formação desse grupo se tornou mais instigante.

Seus integrantes iniciaram já na década de 70, investigações assistemáticas sobre o Casemiro Coco movidos, inicialmente pela curiosidade decorrente dos relatos de adultos e crianças e da dificuldade de ver de perto esses titeriteiros. A iniciativa do Teatro Laborarte, coordenada por Tácito Borrvalho e Josias Sobrinho, quando da preparação do espetáculo teatral *João Paneiro* (com atores e bonecos), suscitou dúvidas sobre a sobrevivência dessa brincadeira, o que forçou o grupo a buscar com mais empenho pessoas que a praticassem.

Essa curiosidade repercutiu e se estendeu a outros grupos de teatro em SãoLuís. Beto Bittencourt, ao criar a Companhia Circense de Teatro e Bonecos certamente influenciou a atriz bonequeira

⁷⁰ O Grupo de Estudos, Pesquisa e Produção em Teatro de Animação, Casemiro Coco, foi criado em 2004 com o intuito de pesquisar e estudar aspectos relevantes do teatro de formas animadas.

Sandra Cordeiro, co-fundadora da companhia, a pesquisar o Casemiro Coco no Maranhão.

Somente por meio de relatos esparsos foi possível rastrear a presença do Casemiro Coco no Estado do Maranhão. Na década de 1970, “alguns bonequeiros habitavam a zona rural da ilha de São Luís, mas mudaram de profissão. Mantinham a mala e brincavam raramente como o Sr. João Rufino, 59 anos, descoberto pelo grupo Laborarte no bairro da Vila Palmeira, em São Luís. Ele se dispôs a apresentar-se na Sala Cecílio Sá, do Laborarte, mediante cachê. Apesar da insistência de convites, fez apenas um espetáculo, e não aceitou programar uma temporada.” (BORRALHO, 2005:64)

Nessa época, o Grupo Laborarte conheceu bonequeiros que testificaram a existência da brincadeira na periferia urbana e na zona rural da ilha de São Luís, nos municípios de Pedreiras e Esperantinópolis:

Eram senhores com mais de 40 anos, possuidores ainda de malas ou maletas. Alguns lamentavam a perda delas por acidente. (BORRALHO, 2005:64)

Chama a atenção que esses bonequeiros contactados se reportavam a outros que continuavam mantendo a prática de “botar” Casemiros e fazer mágica, sempre aliada a outro ofício como rádio-técnico, barbeiro, alfaiate, funileiro. No entanto, eles próprios não brincavam mais, tinham que exercer outra profissão mais rentável. Recentemente, constatou-se que, influenciado pelo brinquedo, o dramaturgo maranhense Emanuel Pinto da Costa, nascido em Humberto de Campos escreveu em 1930 o texto *Moleque de Pensão* para Casemiros. (BORRALHO, 2005:59) As anotações de Sandra Cordeiro reafirmam a existência dessa prática artística testemunhada por moradores de vilas e pequenos municípios:

Em janeiro de 2005, realizando um trabalho na cidade de Vargem Grande encontrei uma senhora, D. Alzira, de 80 anos de idade

que contou que em 1926, quando morava no interior de Codó, assistiu a uma apresentação de Casemiro Coco. Ele era valente e arrogante, tinha uma filha chamada Mariquita que queria casar-se, mas brigava com todos os pretendentes à mão da filha e não saía o casamento. A apresentação era feita na casa de comércio e o povo era convidado de boca-a-boca. (CORDEIRO, 2005: 18)

Em 1991, na inauguração da escola municipal do bairro Rio Anil em São Luís, o grupo da Cia. Circence de Teatro e Bonecos aguardava a hora de apresentar um espetáculo de bonecos. Estavam por trás da tenda com os bonecos organizados por ordem de entrada em cena, dispostos no chão sobre um pano. Ali foram surpreendidos por um garoto de aproximadamente 8 anos que, admirado com os bonecos exclamou: - Olha o Casemiro Coco! (CORDEIRO, 2005: 21)

Cordeiro recolheu notícias de “um casal de bonequeiros botava a brincadeira no interior de Coroatá, no povoado de Macaco. O Sr. Antônio Pereira de Nascimento conta que viu a brincadeira e relata que, “dia da apresentação era um dia de festa. Todo mundo ia bem arrumado”. Mas dentre as informações obtidas por Cordeiro, a mais instigante e talvez mais elucidativa sobre a raridade da brincadeira atualmente no Maranhão é a história de Zé Boneca:

O Sr. Zé Boneca, (José Francisco), cearense de cerca de 50 anos de idade, residente em Zé Doca-MA, foi contactado para mostrar seus bonecos a uma equipe da Secretaria Estadual de Saúde, em 2003, mas ficou envergonhado e ‘jogou’ sua maleta no mato, alegando estar destruída por cupins. A equipe, formada por um grupo de teatro dirigido por mim utilizava bonecos para campanhas de saúde, se interessou em conhecer o bonequeiro. Zé Boneca mostrou à equipe um aparelho de mágica e disse que quando se apresentava botava bonecos e fazia mágica. Naquela época, praticando o ofício de lavrador, morava de favor num casebre fazendo companhia a um senhor idoso. Ele se recusou a apresentar algum número de mágica afirmando estar despreparado e precisando de mais equipamentos, além do aparelho mostrado.

Disse do seu desgosto de casemireiro: *hoje em dia, ninguém quer saber mais dessas coisas*, o que o fez deixar de “botar” a brincadeira.

No dia que fomos vê-lo, uma chuva torrencial impediu de recuperarmos, no mato, a mala de bonecos. Então lhe encomendei a confecção de bonecos iguais aos que ele tinha perdido. Dei-lhe uma parte da quantia em dinheiro acertada como pagamento do trabalho. Pouco tempo depois recebi a encomenda de peças: bonecos toscos de madeira, representando todos os personagens executados por Zé Boneca na brincadeira. Um Casemiro, duas mulheres, um soldado, um padre, uma cobra [todos bonecos de luva e a cobra com articulação de boca]. (CORDEIRO, 2005:22)

Os dados coletados por Cordeiro ainda registram as informações do Sr. Francisco, da cidade de Pedreiras, afirmando que o Senhor Manuel Flandeiro que, exerce o ofício de funileiro na Rua Santo Antônio S/N, no município de Trizidela do Vale, brinca com o Casemiro Coco desde 1960, quando veio do Ceará. Em 1995, tem-se notícia de “brincadas” no povoado Cajueiro, município de S. Mateus. Na década de 1960, no povoado Mato Grosso, próximo ao povoado do Leite, no município de Vargem Grande, o Sr. Arcanjo Barroso Lima, 66 anos, cearense, residente em Barreirinhas, informa sobre um bonequeiro pernambucano que botava boneco naquele município e era conhecido como “pipoca”. Seus bonecos eram feitos de cortiça, não obedeciam qualquer padrão e havia um personagem nada turiferário, mas heróico, apesar de incauto: o Casemiro Coco que, com sua mulher Chiquitita, incendiavam qualquer assistência.

Esses dados, embora esparsos, contribuem para o mapeamento de focos onde se situam ou se situaram as apresentações do brinquedo. Novos dados ampliam a ocorrência da manifestação:

Dona Maria Francisca de Sá, hoje com 48 anos, relata que por volta de 1969, quando tinha 13 anos, no município de São Benedito do Rio Preto, apareciam famílias fazendo apresentações.

Anunciavam “vai ter espetáculo hoje na casa de fulano de tal”. Era com palhaço gritando na rua e convidando o povo. No espetáculo tinha Casemiro Coco e Zulmira, sua mulher. (CORDEIRO, 2005:24)

Outros registros de Cordeiro destacam o depoimento obtido em 1997, de D. Joana Araújo Pantaleão, 69 anos, em Vargem Grande:

Meu irmão Antônio Araújo Pantaleão, na década de 1940, aprendeu a botar boneco com meu pai, José Roque Pantaleão, que era marceneiro, em Riacho da Cruz, Vargem Grande. Antônio, desde os 10 anos, desenvolveu suas próprias técnicas de confecção e manipulação dos bonecos. Seus bonecos tinham corpo totalmente articulados e executavam com perfeição os movimentos humanos. Antônio gostava de construir seus bonecos de buriti¹ por ficarem mais leves. Porém, os eram mais resistente eram construídos com o corpo de madeira e a cabeça de coco babaçu. Esses bonecos assim construídos, geralmente, eram negros e chamados de Casemiro Coco. Não sei afirmar com exatidão a razão desse nome. Lembrome bem que por volta de 1940, Antônio apresentou sua *troupe* na cidade de Urbano Santos, composta dos bonecos: Casemiro Coco, Chico Tripa, Miquilina, Josefina, entre outros. (CORDEIRO, 2005:38)

Alguns casemireiros que brincavam no Maranhão

Por informações levantadas pelo Grupo Laborarte e Sandra Cordeiro podem-se listar os seguintes bonequeiros: Jonas Barbosa - “O Laranjeira” (Coroatá/1955); Antônio Mineiro (Caxias/1980); “Seu” Oliveira - bonequeiro, mágico e ventríloco (São Luís/1982); Laurentino Boneca - bonequeiro e mágico (Itapecurú/1983); “Tiragôsto” - bonequeiro, mágico e ventríloco (Brejo/1985); Zé

⁷¹ Do talo da palma (folha) da palmeira denominada Buriti (*Mauritia vinifera*/*Trithrinax brasiliensis*).

Boneca - bonequeiro e mágico Zé Doca (2003); Futuca-rapaz - Casemiro Coco da Serra Meruoca - “o que enverga, mas não quebra” (Vargem Grande, Av. Castelo Branco nº 1070/2006); Zé do Rádio - bonequeiro e palhaço (Belágua/2006).

As cidades onde uma ou mais vezes aconteceu ou acontece apresentações do brinquedo são: São Luís (periferia urbana e zona rural), Humberto de Campos, Pedreiras, Esperantinópolis, Vargem Grande (e povoados), Codó, Coroatá, Zé Doca, Trizidela do Vale, Barreirinhas, São Benedito do Rio Preto, Urbano Santos, Caxias, Itapecuru Mirim, Brejo, São Mateus, Belágua. Ali bonequeiros cearenses, maranhenses e um pernambucano, foram contactados, e os personagens-bonecos do seu teatro são em geral: Casemiro Coco e sua mulher (Chiquitita ou Zulmira) sua filha Mariquita, mais Chico-tripa, Miquilina, Josefina, um soldado, um padre e uma cobra.

O êxodo para o Norte

Ednelson Pereira, bonequeiro e prestador de serviços à comunidades ameríndias na Amazônia relata que, famílias de casemireiros maranhenses mudaram-se durante o ciclo da borracha, para o então território de Roraima e que muitos desses casemireiros (em famílias) vivem da profissão e residem na cidade de Caracaráí, vizinha a Boa Vista. Hoje, Ednelson, desenvolve um trabalho de educação, alfabetizando crianças ameríndas (estimulando-as a falar e valorizar a língua nativa) utilizando-se do brinquedo do Casemiro Coco. Esse trabalho acontece desde 1999, na aldeia de Parintintins, às margens do Rio Madeira, próxima à cidade de Humaitá, no sul do Estado do Amazonas.

Caracaráí, hoje, é a segunda maior cidade do Estado de Roraima, mas antes foi um assentamento de seringueiros. Ali, a maioria dos moradores era maranhense, do interior, que levaram em sua bagagem parte dessa cultura: a mala com bonecos e o hábito de fumar a “diamba” (único lugar de Roraima onde se conhece a planta maconha pelo nome maranhense). Segundo Ednelson Pereira, muitas famílias

se deslocaram para a periferia de Boa Vista. Lá, até hoje, o Casemiro Coco é brincado profissionalmente.

Reflexões finais

Constata-se que os estudos sobre o Casemiro Coco estão apenas iniciando. Pesquisadores brasileiros pouco se referem a esse boneco, tanto como personagem quanto como nomenclatura de brincadeira ou gênero.

Os importantes estudos de Hermilo Borba Filho (1987) não citam o Casemiro Coco. Ao registrar a existência desse tipo de manifestação no Piauí e no Ceará o autor se refere ao teatro de bonecos conhecido como “Presepe de Calungas de Sombra” (1987:68), descrito por Beaurepaire Rohan nas últimas décadas do século XIX. O nome Mamulengo se generalizou como referência a todo tipo de boneco animado do Nordeste. O título de “casemireiro” substitui o de “mamulengueiro”, “mestre” ou “titeriteiro”. No Maranhão, no entanto, esse título engloba geralmente duas atividades praticadas simultaneamente pelo artista: bonequeiro e mágico, ou ainda, bonequeiro e palhaço.

Os dados levantados até hoje reúnem referências da brincadeira em vários pontos do estado do Maranhão, porém carecem de novos dados e análises que possibilitem maior compreensão dessa rara e complexa manifestação do teatro de bonecos popular brasileiro.

Referências

- BORBA FILHO, Hermilo. *Fisionomia e Espírito do Mamulengo*. Rio de Janeiro: Inacen, 1987.
- BORRALHO, Tácito Freire. *O Boneco: do imaginário popular maranhense ao teatro*. São Luís: SESC, 2006.

- CORDEIRO, Sandra Maria Barbosa. *Anotações no caderno de campo sobre o Casemiro Coco*. (não publicado). São Luís, 1990 a 2006.
- FURTADO, Maxlow Carvalho. *A Arte do Casemiro Coco: uma visão lúdica do espetáculo Maria*. Monografia - UFMA. São Luís, 2006.
- PIMENTEL, Altimar. *O Mundo Mágico de João Redondo*. Rio de Janeiro: Minc/Fundacen, 1988.
- _____. *Teatro de Raízes Populares*. João Pessoa: Edição do Autor, 2003.
- _____. *Teatro de Raízes Populares II*. João Pessoa: Edição do Autor, 2005.